



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CRISTIANE DE FÁTIMA OLIVEIRA DA SILVA

ROBERTA ROSA SERRANO DE ANDRADE

**ARTE E AÇÃO DOCENTE: UM PARALELO ENTRE AS VIVÊNCIAS
ESTÉTICAS DOS PROFESSORES E SUAS PRÁTICAS EM SALA DE AULA**

RECIFE

2017

CRISTIANE DE FÁTIMA OLIVEIRA
ROBERTA ROSA SERRANO DE ANDRADE

**ARTE E AÇÃO DOCENTE: UM PARALELO ENTRE AS VIVÊNCIAS
ESTÉTICAS DOS PROFESSORES E SUAS PRÁTICAS EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado(a) em Pedagogia, orientada pelo Prof.º Bruno Fernandes Alves

RECIFE

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S586a Silva, Cristiane de Fátima Oliveira da
Arte e ação docente: um paralelo entre as vivências estéticas dos
professores e suas práticas em sala de aula / Cristiane de Fátima
Oliveira da Silva, Roberta Rosa Serrano de Andrade. – 2017.
42 f.: il.

Orientador: Bruno Fernandes Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Educação, Recife, BR-PE, 2017.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Arte na educação 2. Vivência estética 3. Docência I. Andrade,
Roberta Rosa Serrano de II. Alves, Bruno Fernandes, orient.
III. Título

CDD 370

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

ARTE E AÇÃO DOCENTE: UM PARALELO ENTRE AS VIVÊNCIAS ESTÉTICAS DOS PROFESSORES E SUAS PRÁTICAS EM SALA DE AULA.

Esta monografia foi julgada adequada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, aprovada pela banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Prof.^a Coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia

Data da Defesa: 22/11/2016

Horário: 10:30 horas

Local: Sala B9 - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.^o Ms. Bruno Fernandes Alves

(Orientador)

Prof.^a Dra. Ana Paula Abrahamian de Souza

(Examinadora Interna)

Prof. Ms. Marcus Flávio da Silva

(Examinador Externo)

"Ensinar Arte, portanto, representa a vontade de dar estilo, estética, corpo e forma a uma maneira brasileira de se expressar pela dança, pela música, pelo teatro, e pela imensa diversidade com que "fala" por meio de sua multicolorida arte visual."

(SELBACH, 2010)

DEDICATÓRIA

A todos os docentes que passaram pela nossa caminhada, nos impulsionando a seguir adiante e nos abrindo novos horizontes no campo do conhecimento, nos fazendo acreditar que podemos fazer a diferença em nossa sociedade, muito obrigada por nos inspirarem e nos motivarem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de viver mais esse momento;

À minha Mãe, Cristina de Fátima, por estar sempre do meu lado, por sua garra, me ajudando e apoiando, torcendo por mim sempre;

Ao meu avô, João Aristides, pelo cuidado e suporte quando foi necessário;

À minha tia, Mirian Neves, pela companhia em diversos momentos da minha vida;

Agradeço à Liliane Arruda, que viu meu potencial quando ninguém mais viu, me deu aquele "empurrãozinho" para que eu não desistisse dos meus ideais;

Aos meus amigos e companheiros de trabalho Raquel Travassos, Thais Sales, Adafas Duarte, Marília Júlia, Rodrigo Sacha e Juanita Marília, por me "cobrirem" em diversos momentos e contribuírem para que essa jornada fosse, enfim, concluída;

À Roberta Serrano, muitíssimo obrigada por nunca ter me abandonado, por estar sempre ao meu lado e por fazer parte da minha história como amiga e parceira nesse trabalho;

E por último, mas não menos importante, Bruno Alves, obrigada por ter nos acolhido, por sua paciência e cuidado, não poderíamos ter escolhido melhor orientador. A você e a todos os nossos docentes da UFRPE, Obrigada!

Cristiane Oliveira

Primeiramente a D'us pelo privilégio de estar nesta caminhada de aprendizados e desafios, e pela iluminação divina para aprender a como adquirir maturidade para superá-los;

À minha mãe, Cássia Serrano, por todo o apoio incondicional, e por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava e ao meu pai João Lemes (in memoriam), por desenvolver em mim a vontade de sempre aprender mais, não cedendo às condições impostas pelo sistema, tendo avidez pelo conhecimento e superação;

Também agradeço aos meus familiares, em destaque à minha tia Cassandra Serrano, por compartilharem a caminhada e as conquistas comigo;

Aos amigos por todos os conselhos e incentivos a não desistir dos objetivos, meus sinceros reconhecimentos;

À Cristiane Oliveira, muito obrigada pela parceria na vida e por dividir mais esta etapa comigo, obrigada, de coração;

À André Mesel Casanova, a surpresa boa que a vida tem me oferecido ultimamente, obrigada pela compreensão às ausências devido aos muitos momentos de extensas leituras e pesquisas, e por estar sempre ao meu lado, independente de qualquer situação;

Àquelas "pessoinhas" a quem chamo ou já tive o prazer de chamar de alunos, tudo isso é para vocês, sem vocês não teria nenhuma graça!

Por fim, aos meus professores queridos, da referida Instituição de Ensino (Universidade Federal Rural de Pernambuco), especialmente ao nosso querido professor orientador, Bruno Fernandes Alves pela paciência, horas dedicadas e muito senso de humor, obrigada, obrigada e mais uma vez obrigada. Que esta longa caminhada chamada vida, sempre nos faça retornar ao convívio e a troca de grandes experiências. Nos despedimos deste processo com um vasto aprendizado, dos quais sem a presença de todos os citados, jamais seria tão significativo.

Roberta Serrano

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – PERFIL DOCENTE	28
---------------------------------	----

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise das práticas docentes relacionadas ao ensino das artes visuais em duas escolas da cidade do Recife e tem como objetivo verificar se as vivências estéticas dos professores pesquisados influenciam nestas práticas. No aporte teórico, apresentamos alguns conceitos sobre Arte, trazemos uma visão panorâmica sobre o histórico do ensino de arte no Brasil a partir da legislação, discorremos sobre a importância da Arte na Educação e refletimos sobre a formação docente. Na metodologia da pesquisa, que foi de cunho qualitativo, foram feitas observações sistemáticas do cotidiano da sala de aula, com ênfase nas atividades voltadas para o conteúdo Arte e realizamos entrevistas semiestruturadas com as professoras acerca de suas concepções sobre Arte e ensino de Arte. A partir dos dados coletados, verificamos que apesar de suas vivências estéticas e do conhecimento e acesso a documentos norteadores como os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Caderno da Política de Ensino da Rede Municipal, o conteúdo Arte ainda é tratado como uma atividade relacionada ao passatempo e a mero suporte outras disciplinas.

Palavras-Chave: Arte/Educação. Vivência Estética. Docência.

ABSTRACT

The present work analyzes the teaching practices related to the teaching of the visual arts in two schools in the city of Recife and aims to verify if the aesthetic experiences of the teachers studied influences these practices. In the theoretical contribution, we present some concepts about Art, we bring a panoramic view on the history of art education in Brazil from the legislation, we discuss about the importance of Art in Education and we reflect on teacher education. In the methodology of the research, which was qualitative, we made systematic observations of the daily life of the classroom, with emphasis on activities focused on Arte content and we conducted semi-structured interviews with the teachers about their conceptions about Art and Art teaching. Based on the collected data, we verified that in spite of their aesthetic experiences and the knowledge and access to guiding documents such as the National Curriculum Parameters and the Notebook of the Teaching Policy of the Municipal Network, Art content is still treated as an activity related to the hobby and The mere support other disciplines.

Keywords: Art / Education. Aesthetic Experience. Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I – APORTE TEÓRICO.....	17
I.I- A ARTE E A HUMANIDADE.....	17
I.II - HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL - LEGISLAÇÕES	18
I.III - REFLEXO DA APRECIACÃO NA PRÁTICA DOCENTE	24
II- PERCURSO METODOLÓGICO	26
II.I- NATUREZA, MEIOS (TÉCNICAS E INSTRUMENTOS) DA PESQUISA.	26
II.II- UNIVERSO PESQUISADO	27
II.III- SUJEITOS PESQUISADOS	28
II.III.I - PERFIL DOCENTE.....	28
II.IV- METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	29
III – A ARTE, A APRECIACÃO, A PRÁXIS E MAIS.....	30
III.I- O OLHAR DOCENTE.....	30
III.I.I- FORMAÇÃO ACADÊMICA E A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE	30
III.I.II- CONTATO COM ARTES VISUAIS NO COTIDIANO E PRÁTICA DOCENTE: DISCURSO VERSUS PRÁXIS.....	31
III.II- O OLHAR DA GESTÃO.....	34
III.II.I - VISÃO DA FINALIDADE DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA PÚBLICA E NA ESCOLA PRIVADA.....	34
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	37
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	42

INTRODUÇÃO

O conceito de Arte* é muito antigo, sendo sua etimologia grega, *tékhne*, originadora da palavra técnica. Porém, para os gregos, a Arte não se resumia meramente à técnica, sendo considerada livre, uma vez que o homem e seu cotidiano dentro da sociedade eram retratados em obras de arte. Eles buscavam a valorização do homem em seu ambiente através de equilíbrio, harmonia e ritmo, visto que estavam sempre em busca da perfeição estética. Sua definição irá variar de acordo com o tempo e a cultura, podendo abarcar desde o artesanato até a tecnologia, sendo sua etimologia em latim ligada ao conceito de habilidade. Sendo produto de uma atividade humana ligada a valores estéticos que passam pela harmonia, equilíbrio, reflexão, sincronia e movimentos, irá possuir um conjunto de procedimentos e características.

Desde a antiguidade, o fazer artístico era entendido como pertencente à cultura humana, assim como a ciência, a religião e os avanços arquitetônicos. Não havia desenvolvimento sem Arte, sendo esta primordial para realização de habilidades que iam desde a confecção de vestimentas até a construção de grandes monumentos. Para os gregos, as habilidades em artes também tinham o poder de levar o ser humano a refletir sobre sua condição dentro da sociedade.

Trazendo esta análise para o campo das artes visuais, sendo estas possuidoras do papel de estimular a criatividade e a reflexão através da estética, e tendo vital importância no humano, é observado no Brasil um longo caminho de discussões e elaboração de políticas que fundamentem sua importância no desenvolvimento crítico e social do educando. De acordo com Ferraz e Fusari (2010, p. 41), o século XIX foi o marco da sistematização do ensino e o predomínio do Estado laico - antes disso a educação escolar era de responsabilidade de grupos religiosos com o intuito de dar suporte à missão jesuítica e formação religiosa. Estas instituições funcionavam como verdadeiras oficinas, ensinando os filhos dos colonos a serem artesãos e aos filhos da elite a serem conhecedores da chamada arte erudita.

Ainda de acordo com estas autoras, após a vinda da corte e a formação de um Estado político, houve uma necessidade de mudança no campo da cultura, sendo esta a incumbência da Missão Artística Francesa, grupo de artistas e estudiosos da Arte, que tiveram como missão reformular os padrões estéticos da época. Ferraz e Fusari (2010, p. 12), afirmam que após isto, e com a criação da Imperial Academia e Escola de Belas

*A palavra Arte grafada com A maiúsculo se refere à forma de expressão; a palavra “Artes” será utilizada para a disciplina escolar; e “arte” se refere à produção artística em geral.

Artes, o ensino artístico no país foi oficializado, ainda que apenas valorizasse os padrões europeus e destinado às elites do país.

Assim como na Europa, o desenho no Brasil passou a ser visto como ferramenta utilitária no desenvolvimento das habilidades gráficas e domínio da racionalidade; com isto, o papel das artes visuais era o de preparar alunos que mais tarde se tornariam profissionais marcados pela rigidez do conhecimento científico, atrelada ao seu bom gosto estético.

A Semana da Arte Moderna, no ano de 1922, trouxe uma nova visão da Arte como objeto de ensino estimulador ao desenvolvimento social humano, sendo este ensino direcionado à livre expressão, reconhecendo a criança como portadora de um fazer artístico a partir de suas próprias vivências e impressões do meio na qual está inserida. Tais concepções estimularam novas posturas em relação ao ensino das artes e, conseqüentemente, uma nova abordagem metodológica por parte do docente. Partindo desta reflexão, educadores, artistas e psicólogos passaram a discutir novos rumos para a educação escolar, devendo esta ser de caráter democrático e emancipatório, levando em conta a subjetividade do educando.

Sendo assim, diante dessas novas análises e posturas, surge o Movimento Escola Nova, fruto do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que dentre outras considerações, tratava a arte como instrumento de grande importância no desenvolvimento cognitivo do aluno enquanto ser social. A partir dessa concepção, foram criadas as Escolinhas de Arte, inicialmente no Rio de Janeiro e, posteriormente, alcançando o território nacional. A consequência destes espaços de aprendizagens artísticas foi o entendimento de que era necessário o reconhecimento da Arte enquanto disciplina pedagógica.

A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (n. 4024 de Dezembro de 1961), houve uma proposta da formalização do ensino de Arte como instrumento de humanização a partir do ensino, buscando a formação social do aluno. O reconhecimento das Artes como matéria obrigatória aqui no Brasil só se deu em 1971, com os primeiros cursos de Licenciatura em Artes sendo implantados a partir de 1973. Com a politização dos arte-educadores nos anos 1980 as discussões acerca da importância do Ensino de Artes nas escolas tornaram-se mais frequentes. (Barbosa, 2012).

Após a implementação da LDB N. 9394/96 alguns documentos foram criados para servir de referência na elaboração das matrizes curriculares, sendo os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN's), instrumentos reguladores no qual o ensino de Arte deveria se basear. Em relação às Artes Visuais, existem diversas modalidades que abrangem essa linguagem: as artes gráficas, cinema, vídeo, fotografia e novas tecnologias, atreladas ao uso de computadores e sendo as redes sociais um instrumento na atualidade.

Assim, foi-se constatando a singular contribuição das Artes no ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, seu papel fundamental na educação escolar até que, resultado de vários movimentos culturais, sociais e políticos surge a Lei 13.278, de 2 de Maio de 2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica, com o intuito de promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Ainda abordando questões referentes ao aprendizado das artes, Read (2001), afirma que “a Arte deve ser a base da educação”, tendo em vista o seu caráter estimulante à imaginação, devendo esta ser a representação da realidade e devendo estar atrelada à ciência, sendo esta a explicação da realidade.

Diante desta realidade, surgem as seguintes inquietações no tocante ao ensino das artes visuais: O contato do professor com manifestações artísticas em sua vida cotidiana pode refletir na sua prática docente? E ainda, como trazer o discurso da importância da Arte em Educação para esta prática? Tais inquietações contribuíram como ponto de partida para investigações e reflexões acerca do ensino de Arte nas escolas do município do Recife. Para tanto se discorreu sobre a política de ensino da Prefeitura da Cidade do Recife no que concerne aos componentes curriculares referentes às linguagens da Arte, do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, por se estar tratando de séries iniciais o enfoque será dado às séries do 1º ao 5º ano. Nesse caso, o documento norteador da Prefeitura do Recife explicita que o ensino de artes visuais seja voltado para o cotidiano do aluno, o ambiente que o envolve, a sua cidade, a fauna, flora e as manifestações culturais que o rodeiam, de modo que essas sejam reconhecidas paralelamente ao processo de apreciação estética das artes visuais. (Recife, 2015).

Tendo como base essa visão, foi necessário analisar o processo de ensino e o perfil do docente dessa disciplina, investigando uma escola da Rede Municipal e outra da Rede Privada, ambas localizadas na cidade do Recife, a fim de atrelar teoria e prática em um estudo comparativo diante dos discursos e práticas docentes, a partir dos seguintes objetivos norteadores:

Geral: Verificar se a experiência estética pessoal dos professores influencia na sua prática docente no ensino de arte.

Específicos:

- Observar as práticas docentes no ensino de Arte.
- Identificar as vivências estéticas dos professores pesquisados
- Relacionar os discursos sobre o ensino de Arte com a prática em sala de aula

A partir de reflexões sobre o tema, algumas hipóteses permearam as discussões, tais como:

- O contato do docente com a Arte influencia a sua prática no ensino da disciplina;
- O professor não está totalmente apropriado do conceito de Arte e nem de sua representatividade no processo de ensino e aprendizagem;
- As Instituições de ensino não dispõem de instrumentos e recursos que possibilitem o real ensino das artes visuais.

A escolha das escolas ocorreu por serem locais de fácil acesso, também se buscou analisar dois contextos diferentes (Público e Privado), além disso, ambas as escolas foram receptivas a pesquisa e a temática. Essa temática focada em Artes Visuais surgiu após análise da importância que se deu às mesmas ao longo da história. Tintas e telas passando a retratar sentimentos, sensações e o valor atribuído que foi dado a todo esse material tornou o tema ainda mais atraente de ser pesquisado.

O primeiro capítulo apresenta nosso aporte teórico e está subdividido em três subcapítulos. No primeiro, apresentamos os conceitos de Arte, sua função e importância para a sociedade. Em seguida, fazemos um percurso histórico sobre o ensino de Arte no Brasil; no terceiro subcapítulo, fazemos uma reflexão sobre a prática docente.

No capítulo dois apresentamos nosso percurso metodológico, que está dividido em quatro subcapítulos. No primeiro, descrevemos quais instrumentos e técnicas foram utilizadas para a realização da pesquisa. No segundo, qual foi o universo pesquisado, no caso, as escolas. No terceiro, quais foram os sujeitos pesquisados e no quarto subcapítulo, descrevemos qual foi a metodologia de análise.

O terceiro capítulo trata da análise dos dados obtidos e está dividido em dois subcapítulos. No primeiro, a análise dos docentes, formação acadêmica, contato com

Artes Visuais no cotidiano e o reflexo desse contato em sua prática docente. Já o segundo subcapítulo traz uma análise da gestão das escolas e como elas enxergam o ensino de Arte.

Em seguida, as considerações finais trazem algumas contemplanções sobre o que foi pesquisado e encontrado. E por último, as referências que fundamentaram todo o trabalho e o apêndice com o questionário utilizado nas entrevistas.

I – APORTE TEÓRICO

I.I- A ARTE E A HUMANIDADE

A Arte é uma maneira do ser humano expressar suas emoções, sua cultura e sua história, que podem ser representadas por meio de linguagens como pintura, música, escultura, dança e cinema, entre outras. Ao longo dos anos, ela foi ocupando um espaço cada vez mais importante no contexto educacional, e para Platão, poderia ser considerada como um ponto de partida para a Educação, assim como para Schiller que "via a arte e a literatura como uma maneira através da qual o indivíduo e a sociedade podiam se expressar e definir como um todo unificado, ultrapassando a divisão entre natureza e história" (AZZI, 2011).

Observando a arte enquanto uma das formas de consciência social, FISHER (1983), irá pontuar que a função essencial da arte é a de esclarecer e incitar o sujeito à ação. Desde os tempos primitivos, a função da arte é unificar os seres humanos, elevando-os acima do mundo animal, sendo uma atividade comum a todos, sendo as pinturas rupestres a demonstração de que o homem das cavernas, já tinha o interesse de expressar sua vida dentro de um contexto social. Mesmo após a substituição da sociedade primitiva pela chamada sociedade de classes, a arte não perde seu caráter coletivo, no sentido de levar o homem a compreender o singular e o universal, e sua realidade dentro destes dois contextos, fazendo-o refletir sobre mecanismos para suportá-la e transformá-la dentro de um contexto de cidadania. Ainda de acordo com este autor, a arte é uma criação humana como forma de sobrevivência ao meio, expressando o que pensa, interpretando e criando objetos e explorando novas formas de olhar suas vivências individuais e coletivas.

Neste caso, a arte torna-se um conhecimento primordial dentro do processo de ensino-aprendizagem, devendo, a escola ser a instituição que poderia tornar a aprendizagem das manifestações artísticas acessível aos seus estudantes, levando em consideração sua importância enquanto fonte histórica e cultural de uma sociedade. Barbosa (2012) afirma que “sem conhecimento de Arte e História não é possível a consciência de identidade nacional”.

Apesar da maior possibilidade de acesso às artes de forma geral e da crescente liberdade em se expressar artisticamente, atualmente percebe-se ainda um distanciamento entre as vivências estéticas dos docentes em relação às suas práticas pedagógicas. Read

(2001) afirma que o erro se encontra no sistema educacional vigente, cujo hábito de criar fronteiras para os conteúdos pedagógicos criou uma distinção entre a Ciência e a Arte, muitas vezes até tornando-as opositoras entre si. Esta separação foi observada no diálogo das docentes observadas.

I.II - HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL - LEGISLAÇÕES

Ao falarmos sobre arte podemos observar que existem muitas nuances sobre suas vertentes. Todavia, esta temática envolve diversas concepções e significações históricas, sociais e culturais. Trazendo à tona a especificidade das artes visuais, nos deparamos com uma linha do tempo envolta em contradições e hierarquizações, sendo estas uma realidade que se estende aos dias atuais.

Quando voltamos ao chamado período colonial, vemos o conceito de Arte como algo pertinente a índios, escravos, artesãos e posteriormente, aos jesuítas, com sua chegada e doutrinação, sendo as habilidades artísticas utilizadas na formação de artesãos, como pintores, carpinteiros, tecelões dentre outros. A música e a composição musical, passaram a ser incorporadas com o objetivo de dar suporte à missão religiosa. Segundo Barbosa (2010), este período contribuiu com o avanço de técnicas voltadas a pintura e a escultura, denominadas de Barroco Jesuítico. Após este período, ocorreu certa formalização dos espaços nos quais se praticavam as atividades artísticas, através da criação da Escola de Belas Artes por D. João VI, no ano de 1808, após a vinda da Missão Artística Francesa, composta por artistas em diversos campos das artes visuais, músicos compositores e etc, com a responsabilidade de reformular os padrões estéticos daquela época, tendo como modelo, os padrões das academias de Arte da Europa.

Na primeira Escola de Belas Artes o método de ensino era de cunho europeu, de padrão neoclássico e voltado a um determinado grupo que era considerado portador de vocação artística. Sobre isso Barbosa (2010) ainda pontua que apesar da importância da criação deste recinto para a separação do viés artístico do religioso, houve um retrocesso na democratização do mesmo. Para elucidar este contexto, ela defende que:

"As novas manifestações neoclássicas, implantadas como por decreto, iriam encontrar eco apenas na burguesia, camada intermediária entre a classe dominante e a popular, e que via na aliança com o grupo de artistas da importância dos franceses, operando por força do aparelho de transmissão oficial sistemática da cultura, uma forma de ascensão, de classificação."

Com a Proclamação da República e o advento das ideias positivistas, houve uma categorização de conhecimentos, sendo as ciências colocadas em um patamar acima da cultura e, conseqüentemente das modalidades artísticas, sendo elas reduzidas à trabalhos manuais ou como auxílio na Matemática através da Geometria, ao abordar desenhos e formas, sendo esta reduzida a desenhos geométricos, técnicas de luz, sombra, matriz e etc, com o objetivo de preparo de mão de obra qualificada para o trabalho nas indústrias. Era necessário que conhecessem técnicas que auxiliassem no aprendizado dos cálculos para o exercício profissional na indústria, que era tida como o único meio de progresso para o país. Com isto, ao passo em que foram reduzidas na hierarquia dos conhecimentos científicos, as artes visuais passaram a participar de maneira ativa de um projeto de crescimento social, servindo aos interesses de uma sociedade de consumo, desde as ilustrações de um livro didático até aos esboços e esquematizações de grandes construções ou como auxílio à cartografia. Sobre esta época, Ferraz e Fusari (2010, p. 43) pontuam que:

O desenho e outras disciplinas eram ensinados nas escolas e nos liceus de artes e ofícios, que foram criados com feições mais profissionalizantes, e tendo orientações pedagógicas e estéticas definidas... Procurava-se atender à demanda da preparação e habilidades técnicas e mão de obra especializada, consideradas fundamentais à expansão da indústria nacional.

Durante o século XX, houve por assim dizer, uma renovação na metodologia do ensino e do fazer artístico com o Movimento de Arte Moderna no ano de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Com teorias que buscavam enfatizar a livre expressão infantil e a busca pela democratização da arte como objeto de emancipação da subjetividade, da cultura e da “brasilidade”, Mário de Andrade e Anita Malfatti buscaram romper com os padrões europeus e criar uma identidade realmente brasileira para artes visuais. Tais proposições artísticas contribuíram para o entendimento de que a arte na educação tem como objetivo buscar estimular a expressão dos sentimentos, vivências, e a capacidade de imaginar, criar e reproduzir fenômenos sociais no indivíduo desde a infância, tornando-o um artista nato, independente de padrão social, localização ou vertente artística.

Os grandes difusores destas ideias foram educadores, artistas, psicólogos e terapeutas. Ainda de acordo com Ferraz e Fusari (2010, p. 47), em 1932 com o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, resultado da conscientização da necessidade da democratização da educação escolar brasileira, o aluno passa a ser abordado como ser único e portador de uma subjetividade que o irá impulsionar ao conhecimento. Sendo

assim, a partir de intensos estudos e reflexões pautados nos trabalhos de psicanálise, psicologia cognitiva, bem como nas teorias de diferentes autores como John Dewey e Herbert Read, o pernambucano Augusto Rodrigues criou a primeira Escolinha de Arte no Brasil, no Rio de Janeiro (1948), tendo como lema "Educação através da Arte", partindo do princípio de que o docente precisa ter um comportamento aberto com o seu aluno, onde a comunicação partiria da troca de aprendizagens, da observação e do reconhecimento das produções deste aluno, estimulando-o a ser autor da própria obra e não um artista competidor.

A partir desta iniciativa, as Escolinhas de Arte, fruto do Movimento da Escola Nova, começaram a se expandir pelo país, com o apoio do artista pernambucano Augusto Rodrigues, da escritora gaúcha Lúcia Alencastro Valentim e da escultora americana Margareth Spencer, colocando em foco as expressões corporais, visuais e auditivas, voltadas principalmente para as crianças a partir das ideias de Herbert Read, as quais atestam que Arte e Educação não devem estar em campos distintos, mas se complementam. A partir das Escolinhas de Arte, elementos da cultura popular brasileira se uniram às mais diversas técnicas e modalidades artísticas. Com apoio de grandes educadores, como Anísio Teixeira, tiveram papel decisivo na mudança do quadro do ensino das artes no país, buscando iniciativas que organizassem os cursos de arte e preparassem as equipes das instâncias educacionais e Secretarias de Educação na implantação de Artes enquanto disciplina pedagógica obrigatória.

Trazendo essa discussão para tempos mais atuais, o reconhecimento desta modalidade de ensino como matéria obrigatória aqui no Brasil só se deu em 1971, com os primeiros cursos de Licenciatura em Artes sendo implantados a partir de 1973, com o objetivo de formalizar o ensino de Arte, e sendo a formação docente a de um professor apto para atuar em três linguagens artísticas: artes visuais, música e dança. Todavia, citando o educador José Cerchi Fusari, FERRAZ e FUSARI (apud. Ferraz e Fusari 2010, p. 53), constatam que a Educação, de cunho tecnicista até então, colaborou para um resultado desastroso, principalmente para o ensino das manifestações artísticas, e a consequência foi:

(...) a descrença gerada no professorado, incluindo os professores de Arte, em relação ao planejamento do ensino. Planejar aulas, ao invés de transformar-se em algo desejado, necessário e até prazeroso, transformou-se em um pesadelo para os professores, pois tiveram que adotar o modelo mecanicista de produzir planos nos quais tinham que executar a modelagem dos objetivos educacionais, passando para os conteúdos, às estratégias e à avaliação. E não uma proposta

na qual estes elementos se interdependem e dialoguem entre si. (Id, 2010, p. 53)

Apenas com a politização dos arte/educadores nos anos 1980 as discussões acerca da importância do Ensino de Artes nas escolas tornaram-se mais frequentes (BARBOSA, 2012). Como orientação ao processo de ensino e aprendizagem em Artes, é proposta uma abordagem a partir de três eixos básicos que serão a: a apreciação, a contextualização e a produção, abordadas no que inicialmente ficou conhecida como Abordagem Triangular para o ensino da Arte.

A metodologia de análise deve ser de escolha do professor e do fruidor, o importante é que as obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico, etc. (BARBOSA, 2009, p. 39).

Desenvolvida pela arte/educadora Ana Mae Barbosa e sistematizada a partir de pesquisas realizadas no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo no período de 1987 a 1993, a proposta seria a de que não se trabalhasse apenas a produção artística, mas uma abordagem a partir de uma tríade de ações pautadas na leitura de imagem, produção e contextualização, baseadas em métodos e modelos de ensino que perpassam as Escolas ao Ar Livre do México e os Estudos Críticos ingleses, que baseavam seus ensinamentos na cultura local, nacional, na expressão individual e no estudo da História da Arte, bem como a leitura e releitura de imagens.

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos, etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

A abordagem triangular terá o papel de estimular o aluno a ter realmente contato com as manifestações artísticas, incorporando-as a sua realidade, dando, portanto, sentido às mesmas. Diante desta proposta de ensino das artes visuais, no momento da apreciação, haverá uma reflexão por parte do observador, que estará questionando sua própria realidade, e, ao produzir algo, ele irá trazer sua própria impressão do mundo que o rodeia, muitas vezes questionando este mundo e trazendo este questionamento a outros.

No que trata a regulamentação do ensino podemos destacar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) N. 9394/96, que explicita os princípios do ensino, que garante o direito de acesso à escola, respeito à tolerância, valorização do profissional da educação escolar, entre outros. Também considera como dever do Estado a garantia da educação em suas diversas esferas. E afirma o compromisso da União em elaborar o Plano Nacional de Educação, contando com a colaboração dos Estados, o Distrito Federal e os Municípios, em suma ficam estipuladas as obrigações do Estado para com a população; inclusive tratando das incumbências do docente, no Artigo 13, incisos de I a VI:

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. (BRASIL, 1996)

Assim, como também reitera as finalidades da Educação Básica, no Art. 22. decretando que "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores." (Id., 1996). Além disso, os critérios avaliativos também buscam promover uma verificação dos conhecimentos de forma mais completa, pois ao tratar de avaliação como sendo algo processual, no Artigo 24, Inciso V-a, percebe-se a valorização da avaliação processual e contínua, onde prevaleça a qualidade sobre a quantidade, no qual os resultados de longo período sejam superiores aos de resultados eventuais, como por exemplo, as provas finais.

Diante de todos esses quesitos, e trazendo a discussão para as Artes visuais, a LDB teve seu Artigo 26, Parágrafo 6º alterado pela Lei 13.278 de 2 de Maio de 2016, da seguinte forma "§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo."(BRASIL, 2016). Essa modificação no artigo corrobora para o enfoque da importância do ensino de Artes na formação do sujeito, e ainda atrelado ao Parágrafo 8º, que afirma:

A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (Id., 1996)

Percebe-se, então, que estas atividades estão correlacionadas às artes visuais de uma forma significativa e passam a ser vistas de forma singular para o processo de ensino e formação discente. Assim, a educação escolar brasileira se compõe por eixos norteadores e por regimentos que irão traçar caminhos para criar um currículo que estimule um aprendizado, que contextualize o conhecimento científico à realidade subjetiva do educando, possibilitando a identificação do mesmo com o que será trabalhado, contribuindo assim, para um aprendizado reflexivo e emancipatório.

Sobre isto, os PCN's afirmam que:

...entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais (...) ao fazer e conhecer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (BRASIL, 1997, p. 41)

Diante disso, aprofundando a discussão sobre legislações que norteiam o ensino das Artes, a Prefeitura do Recife estabeleceu uma normativa para as escolas de sua rede. A Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, publicada em 2015 é um documento que regulamenta o currículo, de modo a resguardar os direitos de aprendizagem, antecipando o ensino das expressões artísticas contidas na Lei 13.278/16. Esse documento contém quadros que representam os direitos de aprendizagem de cada ano do ensino fundamental, juntamente aos objetivos e conteúdos/saberes de todas as disciplinas, incluindo Artes Visuais, Dança, Música e Teatro para as séries do 1º ao 9º ano. Tratando especificamente das artes visuais, no documento fica retratada a importância de se trabalhar, por exemplo, no 1º ano:

Representações do Bumba meu boi nas Artes Visuais, e/ou literatura, em diferentes estéticas, autores, culturas e modalidades; O Retrato e Autorretrato em diferentes culturas, autores e estéticas – representação de identidades; Os brinquedos e brincadeiras, e suas representações nas Artes Visuais, e/ou literatura em diferentes estéticas, autores, culturas e modalidades; A produção artística em desenho de Recife, e/ou outras cidades de Pernambuco, de representações figurativas e abstratas. (RECIFE, 2015)

Para os primeiros anos do Ensino Fundamental, a política de ensino prevê o trabalho com representações da capoeira nas artes visuais, mitos e lendas, e pinturas

valorizando a cultura local e a regionalidade. Gravuras da cidade do Recife, a fauna e a flora locais, o maracatu, trabalho com esculturas, etc. Tendo como objetivos promover a leitura de imagens, produção de trabalhos artísticos, conhecer aspectos conceituais da vida de autores de imagem, promover a reflexão sobre a diversidade humana, diferenciar as representações figurativas das abstratas; também conceituar gravuras nas suas diferentes técnicas (xilogravura, litogravura, entre outras). (IDEM. 2015).

I.III - REFLEXO DA APRECIÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE

Sabendo que o desenvolvimento humano se dá a partir de suas vivências, sendo estas as principais contribuintes na construção de sua identidade, temos o sujeito como um ser portador de criatividade a partir de sua visão de mundo, porém, como foi observada, esta visão de mundo, muitas vezes, é tolhida diante de uma concepção retrógrada de que o conhecimento é algo imutável e acabado, não existindo emoção ou ampliação de consciência em sua aquisição. Constatando que o processo de desenvolvimento humano requer a relação de percepções a fenômenos sociais e científicos, temos o profissional da educação como um ser que dentro de seu papel no contexto educacional, encontra-se em constante processo de aprendizado. Diante disto, Derdyk (1994, p. 12), enfatiza que "o ato de conhecer e criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar."

Logo ao nascer, o ser humano é inserido em um ambiente cercado por contextos históricos, sociais e culturais, que irão estruturar a sua visão e análise estética. Também irá participar e interagir com as manifestações que existem em seu meio, demonstrando admiração, rejeição, curiosidade, apreciação, pelos mais diferentes meios e abordagens da comunicação cotidiana. Diante disto, Ferraz e Fusari (2010, p. 19), irão esclarecer que:

Gradativamente, damos forma e sentido às nossas maneiras de admirar, de gostar, de julgar, de apreciar e também de fazer as diferentes manifestações culturais de nosso grupo social e, dentre elas, as obras de arte. É por isto que, mesmo sem perceber, educamo-nos esteticamente no convívio com as pessoas e com as situações da vida cotidiana.

Levando em consideração que a vivência é o ponto de partida para a construção da personalidade humana, é entendido que o que impede o sujeito de exercer sua

capacidade de apreciação e criação é a própria concepção que tem de si mesmo, como um ser estático, que deve apenas absorver o necessário para reproduzir um papel estático na sociedade, sem ter a percepção da importância de sua vivência dentro da construção de sua identidade. Tratando-se de educação, o docente seria o porta-voz de uma nova visão de mundo, estimulando a construção de um indivíduo consciente de seu verdadeiro papel na sociedade como ser ativo dentro de todas as suas instâncias.

O trabalho que o professor desenvolve em sala de aula, sintetiza o saber pedagógico adquirido por ele a partir de sua formação atrelada ao currículo da escola e suas demandas, (embasamento teórico, entendimento da existência de conteúdos obrigatórios e organização programática e reflexiva de sua prática), denominada prática pedagógica e seus recursos para criar estratégias de ensino que atenda às necessidades de sua turma, respeitando a subjetividade do corpo discente, que é a chamada prática docente. Cabe ao educador, portanto, ter a sensibilidade de fazer a junção de conhecimento à vivências, para dar sentido às suas práticas.

De acordo com Derdyk (1994, p. 11), a vivência prática na linguagem artística deveria ser pressuposto básico para a formação dos futuros educadores, pois a educação não está separada do viver, ambos promovem o desencadeamento de processos existenciais. A vivência, seja de forma apreciativa ou ativa, é a principal condição da existência humana. Porém, têm sido observadas algumas lacunas dentro da formação docente, que contribuem para que este dissocie o pensar, o viver e o fazer, pois ao se sentir um sujeito fragmentado, estimula um conhecimento fragmentado a seus aprendizes.

Não existe educação separada da vivência, pois é inserido nela que o ser humano irá dar sentido e motivação à ação diante de um conhecimento adquirido. Neste sentido, a instituição escolar tem como objetivo agir qualitativamente dentro da sociedade, através de estratégias que facilitem a participação do aprendiz em todas as instâncias (cultural, social e universal) para a aquisição do patrimônio científico. Estas estratégias poderão contribuir de forma a legitimar as relações de poder, ou trazer a reflexão para uma mudança de postura e libertação através de uma emancipação, por meio da contemplação, reflexão e ação.

II- PERCURSO METODOLÓGICO

Diante do que foi exposto, e analisando a importância dos objetivos no que concerne a determinação das metas e propósitos que o pesquisador precisa para nortear o andamento de sua pesquisa (MICHALISZYN & TOMASINI, 2008), foram estabelecidos os seguintes objetivos:

II.1- NATUREZA, MEIOS (TÉCNICAS E INSTRUMENTOS) DA PESQUISA.

Tomando como base que o ensino de Arte tem grande contribuição para a formação cidadã dos alunos por ter o poder de trazer à tona valores como respeito, autoconfiança, apreciação e contextualização, fazer com que o discente reconheça a Arte como um fenômeno histórico e científico deve partir do professor (SELBACH, 2010), a metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi de cunho qualitativo, em razão da importância "de se levar em conta as dimensões sociais, culturais e institucionais que cercam cada programa ou situação investigada." (WELLER & PFAFF, 2010, pág. 31)

Foi adotada como suporte a pesquisa empírica, por ser desenvolvida a partir da observação dos acontecimentos. E, por contribuir para uma maior profundidade do estudo, facilitando a compreensão dos fatos e permitindo tomar nota do comportamento do grupo ou fenômeno observado, ao mesmo tempo em que esse grupo/fenômeno acontece, a observação e a entrevista semiestruturada foram as técnicas escolhidas.

Por favorecer a coleta de dados no que se refere às vivências do professor em Artes Visuais, sua opinião sobre as legislações, entre outras, foram feitas observações sistemáticas do cotidiano escolar e também entrevistas dirigidas semiestruturadas, com o intuito de resgatar na fala dos entrevistados respostas que pudessem complementar o que foi observado. (MICHALISZYN & TOMASINI, 2008)

Nesse caso, por se tratar de uma pesquisa que buscava relacionar a vivência cotidiana em artes visuais do docente e o reflexo em sala de aula, buscou-se observar as aulas e conhecer um pouco o cotidiano do docente por meio da entrevista. A observação, assim como a entrevista, é um instrumento de coleta de dados para análise. A função da observação é registrar o que está sendo visto, as ações, os acontecimentos, já a função da entrevista semiestruturada é buscar nas falas dos entrevistados respostas mais

qualitativas, de forma que eles se sintam mais a vontade para expressarem suas opiniões acerca do que está sendo perguntado, é mais flexível e se adapta a medida que vai ocorrendo. Também se utilizou fichas de observação e de leitura. (MICHALISZYN & TOMASINI, 2008)

II.II- UNIVERSO PESQUISADO

Com o intuito de uma abordagem que, de certa forma, levasse em consideração diferentes contextos, decidiu-se focar o estudo em duas instituições de ensino, sendo uma da Rede Municipal do Recife e outra da Rede Privada, buscando comparar os dados coletados entre si e com o aporte teórico.

A escolha de ambas as escolas se deu por conta do acesso a elas ser mais fácil. A direção das duas escolas foi receptiva a pesquisa e isso motivou ainda mais o estudo sobre a temática nessas instituições.

Ambas as escolas pertencem à região metropolitana de Recife, e o público atendido em cada uma delas é variado, porém todos os alunos são do entorno da comunidade onde as instituições estão localizadas. Apesar de a escola particular possuir um grande número de alunos pagantes, há uma significativa taxa de bolsistas, o que implica uma mudança de perfil discente. De acordo com as entrevistadas, o público da escola da Rede Municipal se constitui em alunos de baixa renda, já o da escola Privada, possui alunos considerados de classe média e alunos bolsistas por intermédio político. No tocante à infraestrutura das escolas, notou-se que a maior diferença, e que causa certo impacto na rotina escolar, é o fato de a escola Municipal estar alojada em um terreno cedido por uma Igreja evangélica. Por isso, atividades que seriam fornecidas durante o sábado, por exemplo, as relacionadas à Arte e recreação, como, o Projeto Escola Aberta, precisam ser realizadas em dias letivos comuns (segunda a sexta), e isso reduz tanto o espaço utilizado quanto o tempo de aproveitamento das atividades.

O Programa Escola Aberta incentiva e apoia a abertura, nos finais de semana, de escolas públicas de educação básica localizadas em territórios de vulnerabilidade social. Em parceria, a comunidade escolar e a do entorno ampliam sua integração planejando e executando atividades educativas, culturais, artísticas e esportivas. (BRASIL, 2016)

Quanto ao ambiente da escola da rede privada, é amplo e fica localizado num bairro de classe média em Recife. A escola possui quadra poliesportiva, cantina, pátio e é bem estruturada quanto à acessibilidade.

Ao tratar dos passos da pesquisa, foram feitas observações sistemáticas de aulas de Arte em duas modalidades de ensino na Escola Pública (2º ano e Projeto Mais Educação), e uma modalidade na Rede Privada (2º anos).

II.III- SUJEITOS PESQUISADOS

Quatro professoras têm o papel de ministrar os conteúdos do componente Arte, sendo: duas professoras do 2º ano de ambas as instituições; na escola municipal, uma professora itinerante que atua no projeto *Mais Educação* (que tem o objetivo de dar apoio escolar para alunos com dificuldades no aprendizado) e na escola particular uma professora designada apenas para ministrar aulas de Arte; com o intuito de realizar uma reflexão acerca dos parâmetros e visões que englobam cada ação docente em determinadas práticas e contextos educacionais.

Com o total de 12 observações de aulas (seis na pública e seis na particular), realizou-se o estudo com base também nas respostas das professoras às entrevistas, para que assim fosse possível estabelecer melhor as conclusões sobre a pesquisa. A coleta de dados aconteceu em cinco etapas, sendo uma de entrevista (no apêndice) e outras quatro de observações de aulas de Arte, ao longo de 6 meses.

II.III.I - PERFIL DOCENTE

Instituição Pública		Instituição Privada	
Professor/Série	Formação Acadêmica/Ano	Professora/série	Formação acadêmica/Ano
Professora A: 2º ano	Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia e Pós Graduação em Educação Inclusiva. (2008 e 2012, respectivamente)	Professora C: 2º ano	Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia e Pós-graduação em Docência no Ensino Superior (2007 e 2014, respectivamente)
Professora B: Projeto Mais Educação	Licenciada em Ciências Biológicas.	Professora D: Contratada para ministrar apenas a disciplina de Artes 2x por semana	Graduação em Letras e cursos livres em Arte.

II.IV- METODOLOGIA DE ANÁLISE

Como metodologia de análise, percebeu-se que pela natureza da pesquisa lidar com contextos teóricos e práticos, assim como também com situações discursivas, optou-se pela análise de discurso, para que os resultados pudessem ser elucidados e debatidos de uma maneira mais completa.

Esse percurso analítico se deu em razão da compreensão de que na análise de discurso "(...)procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história." (ORLANDI, pág. 15) Diante disso, essa metodologia é pertinente para o presente trabalho, pois a formação discursiva permite a compreensão dos sentidos e como eles se relacionam com a ideologia, possibilitando o estabelecimento das regularidades do discurso. (ORLANDI, 1999)

Portanto, os seguintes aspectos foram analisados:

Professores

- Formação acadêmica
- Contato com artes visuais no cotidiano
- Importância do ensino de Arte
- Prática pedagógica: discurso versus práxis

Gestão

- Visão da finalidade do ensino de arte na escola pública e na escola privada

Diante disso, buscou-se abranger um universo que contemple os questionamentos feitos no início da pesquisa, a fim de esclarecer melhor as atitudes dos sujeitos investigados, sua influência no cotidiano escolar e as possíveis vertentes as quais caminham o processo de ensino-aprendizagem na práxis.

III – A ARTE, A APRECIÇÃO, A PRÁXIS E MAIS.

Ao serem entrevistadas, as quatro professoras responderam a questões relacionadas ao conceito de Arte, a importância de se trabalhar este conceito com os alunos e as suas vivências diárias em relação às artes visuais, para que se pudesse compreender melhor as características que envolvem o cotidiano das mesmas e assim chegar ao ponto chave da pesquisa: se essa vivência influencia a prática docente, e mais ainda, por quê?

III.I- O OLHAR DOCENTE

III.I.I- FORMAÇÃO ACADÊMICA E A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE

As professoras do 2º ano de ambas as instituições informaram que o uso do conteúdo Arte em suas salas de aula possui um cunho quase que estritamente de suporte para a vivência de conteúdos de outras disciplinas. A docente A, da Rede Municipal do Recife, que é formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Inclusiva, informou que quem utiliza mais trabalhos com Arte é a professora itinerante, do Programa Mais Educação, programa esse que por sua vez:

(...) tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral. (BRASIL, 2010)

Dessa forma, o programa que possui o princípio de articular disciplinas com práticas socioculturais tendo como base o princípio de Educação Integral, busca abarcar como objetivos:

I - formular política nacional de educação básica em tempo integral; II - promover diálogo entre os conteúdos escolares e os saberes locais; III - favorecer a convivência entre professores, alunos e suas comunidades; IV - disseminar as experiências das escolas que desenvolvem atividades de educação integral; (BRASIL, 2010)

Assim, ao observar as aulas ministradas pela professora B, formada em Biologia, o cunho do programa mais Educação era de ambiente de reforço escolar para os alunos

com maiores dificuldades de aprendizagem. Diante do que foi observado, percebeu-se na fala das entrevistadas a deficiência de disciplinas ligadas à Arte na formação acadêmica das mesmas.

Sendo assim, ao falar sobre Artes visuais a professora A mostrou certo afastamento dessa forma de manifestação. Perante este cenário, Derdyk (1994) irá afirmar que houve uma ruptura na formação intelectual e universitária com o real sentido do que são as artes visuais, cujo panorama ainda se encontra fundamentado na cultura barroca, e isso afasta o docente do real conceito do fazer artístico, limitando-o a dois conceitos: um erudito (pertencente às universidades, abrangendo uma pequena parte da população) e um denominado informal, que muitas vezes reside nas tradições populares.

Outro fator a ser analisado é a falta de embasamento teórico e metodológico pautado na abordagem triangular para o ensino de arte, proposta nos documentos normativos, também a aparente escassez de conhecimento sobre o currículo da escola na qual estão inseridas. Também foi percebida a necessidade de uma formação continuada em nível de pós-graduação nesta modalidade de ensino que contemple o rompimento com este distanciamento, pois muitas vezes, como foi citado pelas docentes, o professor vivencia algumas manifestações artísticas e culturais, todavia, não as utiliza em sala de aula como conteúdo, deixando sempre para a série posterior ou a “professora itinerante”.

Para que realmente ocorra um ensino de arte que dialogue com as concepções contemporâneas da Arte-Educação, é necessário que barreiras sociais e culturais em relação às manifestações artísticas sejam quebradas e que o educador se aproprie do conhecimento das mesmas e faça o seu uso em sala de aula como uma ação mediadora do conhecimento científico.

Três das quatro entrevistadas conheciam os PCN's de Arte, a política de ensino da Prefeitura do Recife e a alteração na LDB; entretanto, informaram estarem um tanto incapacitadas de executar a demanda do componente Arte como ele é veiculado nos documentos norteadores em razão das políticas internas da escola.

III.II- CONTATO COM ARTES VISUAIS NO COTIDIANO E PRÁTICA DOCENTE: DISCURSO VERSUS PRÁXIS

Todas as professoras foram entrevistadas e suas aulas observadas e, ao tratar sobre as vivências da professora itinerante (Professora B), a mesma afirmou que apreciava

shows de música e relatou que em sua infância também teve contato com manifestações artísticas em casa, pois a mãe dela era costureira e ela gostava muito de artesanato

Eu gosto muito de shows, gosto de ouvir música... e assim, meu contato com Arte foi mais por causa da minha mãe. Ela é costureira, então eu sempre acesso a esses trabalhos manuais. Eu gosto muito de artesanato. (Professora B, 2015)

Ela utilizava muitas pinturas em sala de aula (sala essa que era a quadra da escola, pelo fato de a instituição não dispor de mais salas ou outro espaço para o projeto) e colagens, além de buscar sempre absorver datas comemorativas para temáticas de aulas. Ela nunca teve acesso a teorias relacionadas ao ensino de Arte em sua graduação, mas relatou que começou a ter maior contato quando iniciou a pós-graduação em Educação, e até o momento da entrevista não havia tido contato com os documentos normativos que norteiam ou deveriam nortear as práticas docentes no que concerne a Arte.

Foi também percebido certo distanciamento em relação à educação estética das entrevistadas e sua prática pedagógica, constatou-se esse discurso bem claro na fala de uma das docentes, ao dizer que:

Gosto muito de música e dança, mas não tenho muita paciência com as artes visuais, pois existe uma concepção de que precisa ser um erudito ou alguém de alta classe social para admirar e eu não me encaixo em nenhum desses grupos. (Professora A, 2016)

Essa fala nos remete a pensar não somente a natureza desta competência e sua função, mas também como a questão afetiva entra em sala de aula, pois a partir do momento que a professora afirma não gostar de artes visuais, essa característica acaba refletindo em sua prática, e, conseqüentemente, no aprendizado de seus alunos. Se a própria professora reproduz o discurso de Arte para eruditos, que esperar dos discentes? Tal reflexão é vista por Freitas (2008, p. 35) ao citar o pensamento de Theodor Adorno quando pontua que para compreender a Arte é necessária uma familiarização com ela, fruto de experiência concreta e reflexão, criando assim, uma identidade artística.

Enquanto isso, a professora da escola privada de ensino (C) alega trabalhar pouco os conceitos de Arte em sala, pois existe uma professora contratada somente para isso (professora D), que é formada em Letras e possui alguns cursos livres em artes visuais (pintura, escultura, colagem) e que ministra aulas de 45 minutos duas vezes por semana, totalizando 90 minutos. Ao observar a dinâmica em sala de aula da professora D, percebeu-se que há certa preocupação em explorar as habilidades e conceitos artísticos,

pintores e demais artistas que trabalhavam sob determinados prismas. No entanto, assim como a professora do Mais Educação (B), a professora D centra suas atenções em atividades que culminam também para compor um determinado índice de conteúdos, e isso pareceu ser bom, até perceber-se que as aulas focavam sempre em algum projeto da escola, ou apresentação para alguma data comemorativa - ou seja, mais uma vez a Arte foi usada apenas como suporte para dar conta da demanda de outros componentes curriculares.

Todavia, vale salientar que essa professora (D) era um dos principais focos quando se tratava de projetos escolares na instituição, pois ela muitas vezes desempenhava a função de decoradora da escola em ocasiões de festa, o que muitas vezes prejudicou a continuidade das atividades que a professora propunha no discurso dela durante a entrevista.

Trabalho com leitura de imagens, por exemplo, uma imagem que representa a arte Cubista... eu levo pra eles e não digo de cara que é arte Cubista... eu pergunto o que eles acham daquilo e depois trago conceitos sobre Cubismo, como surgiu, porque surgiu, aí faço atividades com eles com relação a isso, por exemplo. (PROFESSORA D)

Assim, constatou-se que ela busca trazer conceitos de artes visuais, porém nas observações isso foi pouco explorado por ela, pois sua necessidade em atender a demanda por atividades alusivas à datas comemorativas ocupou todo o tempo que poderia ser dedicado às suas práticas para o ensino das artes visuais. Diante disso, a arte-educação apesar de valorizar o subjetivismo do educando, tem absorvido um pouco a pragmática objetiva e imediatista da sociedade atual, se pautando muito mais no ensino dos artistas e de suas obras do que no estímulo à sensibilidade do discente através da relação dos seus sentidos com o mundo natural e cultural ao seu redor, pautado de história e cultura, mas também composto de estímulos visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos.

A professora A relata que, cotidianamente, tem vivência em relação à música e dança, mas considera as artes visuais eruditas, por isso não tem afinidade. A professora C informou que gosta de ir a exposições de cultura popular, gosta de danças nordestinas, e foi bem clara quando disse:

Gosto de coisas que fazem sentido pra gente... Ariano Suassuna, coisas da terra, sabe? Não aquela coisa de fora que a gente não entende nada... aquelas pinceladas que não querem dizer nada... o povo vê imagem de coisas que não existem ali. Mas, enfim, eu também frequento exposições de cultura popular, gosto das danças daqui, e da música também.

Nesse discurso percebe-se que a afetividade permeia toda prática dessa professora, e que a apreciação de artes visuais que não são próximas a ela é considerada difusa, confusa e complexa de se entender e trabalhar. Ela informou que por ter uma professora específica para Artes, ela trabalha apenas com pinturas em datas comemorativas. Diante disso, Ferraz e Fusari (2010) reiteram que o professor que interage cotidianamente com as manifestações artísticas irá ampliar não só o seu próprio aprendizado, mas sua visão de mundo e conseqüentemente a sua prática pedagógica. Ainda nesta vertente, Freitas (2008, p. 60), elucida que Arte e empiria irão andar lado a lado para uma visão libertadora da realidade na qual o sujeito está inserido. Assim, os discursos de todas as professoras frente ao questionamento sobre a importância da Arte eram os mais variados, consideravam a Arte e o ensino dela importantes porque contribuíam para a formação crítica, desenvolvimento motor, contribuição da ludicidade entre outros. Porém, no momento da prática, essas vivências cotidianas não influenciavam de forma significativa suas ações didáticas para com os alunos. É percebido que ao se referirem às artes visuais, este é um instrumento pouco explorado e vivenciado qualitativamente no cotidiano das docentes em comparação com a música e a dança, por exemplo, privando o aluno de mais um campo do conhecimento na construção de sua identidade e, portanto, de seu desenvolvimento. Assim, além da pouca vivência em artes visuais percebeu-se que as professoras utilizam em sua prática pedagógica, pouco dessa vivência por estarem atreladas ao que a escola rege como primordial, trazendo à tona também que as professoras não estão totalmente apropriadas do conceito de arte e nem de sua representatividade no processo de ensino e aprendizagem.

III.II- O OLHAR DA GESTÃO

III.II.I - VISÃO DA FINALIDADE DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA PÚBLICA E NA ESCOLA PRIVADA

A discussão sobre público e privado é uma recorrente no âmbito não só educacional, mas em todas as esferas da sociedade. O Público é tido muitas vezes como algo de baixa qualidade, quando se trata de serviços oferecidos, tais como saúde, educação, segurança. Tem-se optado cada vez mais pelo serviço privado em razão desse, supostamente, oferecer um produto ou serviço de melhor qualidade.

No entanto, essa prerrogativa é questionável, e aproximando essa discussão para a pesquisa realizada, nas observações percebeu-se que na Rede pública, em específico na escola investigada, o ensino de Artes tem o aporte teórico para acontecer, pois existe um projeto político-pedagógico direcionado ao componente Arte, como o presente no Caderno da Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, que regem as escolas no que concerne aos conteúdos indicados para serem vivenciados em cada série e em cada disciplina. Teoricamente, a rede privada também possui seus regimentos, e ao estabelecer a escolha de determinada coleção de livros para se trabalhar, acabam abraçando também a maneira como esses livros abordam e contemplam cada matéria. Em entrevista com as docentes de ambas as instituições, elas foram claras ao falar que:

Aquí não vale muito a pena trabalhar esses conceitos de arte, porque os alunos não entendem mesmo, e a gente tem que priorizar a alfabetização deles. Eu mesma deixo a professora do "Mais" trabalhar Arte, porque na sala não dá tempo (Professora A)

Em contrapartida, a professora C informou que sua prática acontece da seguinte forma:

Sempre tento usar Arte em sala, mas muitas vezes isso é suprimido por conta das demandas da gestão por uma prática que busca a formação dos alunos com o intuito de ingressarem em outras séries ou em escolas cujo ingresso necessita de exames seletivos.

Diante desse cenário, percebeu-se certa semelhança no que se refere ao tratamento da Arte como disciplina, pela gestão de cada instituição. Ambas as escolas possuem um aporte teórico que, tecnicamente, consegue instruir os professores a ministrar conceitos de Artes visuais e outras manifestações artísticas, porém em ambas as escolas a demanda pela grade curricular engessada e pautada no ensino de português e matemática prevalece se sobrepondo às outras disciplinas, mas principalmente negligenciando a Arte.

Dessa forma, vale a pena refletir que a Arte na escola não tem o objetivo de formar artistas, mas decodificadores de suas manifestações dentro de um contexto social, histórico e cultural. Porém, poucas pessoas possuem o chamado conhecimento artístico, sendo este característico da denominada elite cultural; neste caso, a escola deveria ser o agente de democratização estética e cultural, aproximando os diferentes grupos sociais às mais diversas manifestações artísticas.

Porém, citando Rubem Alves, Duarte Junior (2010) enfatiza que as escolas da atualidade exigem cada dia mais um professor e não um educador, sendo este último

dotado da vocação de atrelar o conhecimento científico aos sonhos, afetos e sensibilidades, ao passo que o professor desempenha uma função meramente burocrática e quantitativamente avaliada pelo sistema de ensino, o que remete a constatação de que as instituições de ensino não dispõem de instrumentos e recursos que possibilitem o real ensino das artes visuais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O respeito à diversidade cultural e às constantes mudanças pelas quais a sociedade passa devido a uma dinâmica pautada na globalização e no avanço tecnológico, vem sendo prioridade nas instâncias que envolvem a Educação escolar. Sendo a escola um dos principais grupos sociais formadores de opinião, tem um papel preponderante na minimização das discrepâncias sociais e na nivelção das diversas modalidades de ensino, observando que todas elas devem caminhar em conjunto para uma melhor construção do desenvolvimento do aprendiz. A partir da mudança na matriz curricular do ensino da Arte, é observado que além da mudança da nomenclatura, novas posturas também devem ser adotadas, todavia, o ponto de partida consiste em desconsiderar a fragmentação do conhecimento e a monopolização do mesmo, estimulando o docente a vivenciar a Arte em seu cotidiano de maneira ativa e libertária, trazendo assim, um pouco de verdade à sua prática.

Diante disto, o preparo do educador irá requerer uma vivência que contemple confrontos, mudanças de posturas, e a vontade de buscar novas práticas, pautadas no reconhecimento de sua capacidade criativa e ativa, fruto de intensas e contínuas mudanças. Todavia, um dos maiores empecilhos no entendimento e na sensibilização do docente, está em sua formação, que vem desde seu tempo de educação básica (com a visão tecnicista da Arte), passando por fatores sociais e culturais (que priorizam determinadas visões e vertentes em detrimento a outras), até uma formação continuada possuidora de diversas lacunas fruto desta mesma visão tecnicista, que contribui para um não aprofundamento dos mecanismos que regem o fazer artístico.

Observando a relação da Arte com as demais disciplinas do currículo, ainda se percebe a ideologia positivista que a denomina como uma mera distração, ou como o instrumento que irá ilustrar determinada comemoração de algum acontecimento histórico, e se o profissional da educação não tiver uma vivência prática das manifestações artísticas, irá sucumbir e ser mais um colaborador à visão fragmentadora e monopolizadora das disciplinas pedagógicas.

Compreendendo a importância da Arte na Educação (atestada através da fala de todas as professoras, em entrevista), é de extrema necessidade que se pense neste conhecimento como algo que está presente no cotidiano de todos e, portanto, acessível, podendo funcionar como a educação concreta ou o concreto da educação social, histórica e cultural, através de cores, formas, sons, texturas e movimentos.

Tendo como base as entrevistas e o que foi observado, percebe-se um distanciamento entre as teorias e propostas metodológicas acerca do Ensino de Arte e a prática docente na sala de aula por parte das professoras. Após todo percurso para elevar o ensino de Arte a um novo patamar, percebe-se que apesar da consciência de sua importância ainda existe enraizada nas práticas docentes e até em suas vivências em Arte a visão separatista entre o ensino das artes e das demais disciplinas.

Em síntese, não é suficiente saber sua importância na Educação ou vivenciá-la em algumas de suas manifestações, mas apropriar-se de uma consciência estética e cultural, pautada em um fazer consciente e informado, tanto na teoria quanto na prática em sala de aula.

Portanto, apenas a experiência estética de fruição da obra/manifestação artística não é suficiente para influenciar a prática docente. E, nesse caso, uma formação continuada seria necessária para complementar seu conhecimento e motivá-lo a dar espaço a este ensino de uma maneira mais eficaz em seu ambiente de trabalho, e mais do que isso, em sua própria vivência enquanto cidadão. Vale afirmar que esta análise contribuiu como ponto de partida para novas investigações e reflexões quanto ao distanciamento entre teoria, vivência e prática e o que de fato é necessário para que o real objetivo do ensino das artes visuais aconteça nas escolas.

Ao tratar dos instrumentos e recursos que as escolas oferecem, percebeu-se certo descaso quanto ao subsídio para o ensino de Arte. As instituições não dispunham de um ambiente apropriado para o trabalho com artes, os materiais, na escola pública, eram escassos e o trabalho na escola privada, muitas vezes, ficava a mercê apenas do lápis de colorir e papel, sem explorar outras possibilidades. Além disso, as escolas têm acesso e conhecimento dos documentos normativos e orientadores das práticas de ensino de Arte, mas ao tratar desses conteúdos constatou-se que o ensino de português e matemática é privilegiado, quando uma disciplina não deve ser abordada em detrimento de outra.

Diante de tudo isso, acredita-se que os estudos sobre artes visuais e mais além sobre quaisquer manifestações artísticas no cotidiano docente e seu reflexo em sala de aula ainda não se esgotaram. É preciso mais investigações acerca dessa ligação para que o educador tome ciência de que sua vivência tem reflexo na vida de seus alunos e que pode estar permitindo o acesso ao conhecimento ou tolhendo-o, mantendo um imaginário de que Arte é coisa de eruditos e abastados. A arte está em volta de todos e quanto mais acesso o professor tiver aos conceitos, manifestações e produtos artísticos mais ele irá utilizar-se desses recursos no seu processo de ensino.

Ainda ficam os questionamentos sobre como o docente que não teve acesso às artes visuais, por exemplo, pode estar se apropriando desse saber artístico de uma forma que transcenda o medo e o preconceito; também como o professor poderá trabalhar arte de forma a romper com a visão de que arte é passatempo, como lidar com uma gestão que apesar de ter conhecimento dos documentos norteadores não se debruça para entender e apoiar o professor que deseja trabalhar uma formação pautada em conceitos artisticamente concebidos.

Diante de todas essas indagações, percebe-se que os estudos sobre Arte e o seu ensino ainda precisam ser muito explorados na academia, para que assim a sociedade passe a ter conhecimento e se torne menos moldada em técnicas e conceitos equivocados sobre este campo de conhecimento, e mais especificamente Artes Visuais, em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- AZZI, Rafael. **A arte e a Educação em Platão e Schiller**. 2011. 105 páginas. Programa de Pós-graduação Strictu-sensu em Estética e Filosofia da Arte. Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto. Disponível em:
http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2426/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_ArteEduca%C3%A7%C3%A3oPlat%C3%A3o.pdf. Último acesso: 19/06/2016
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BRASIL., Lei de Diretrizes e B. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Último acesso: 18/06/2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Escola aberta**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/acompanhamento-da-frequencia-escolar?id=16738>. Último acesso: 30/03/2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. último acesso: 27/04/2015.
- BRASIL, Subchefia para assuntos Jurídicos. **Dispõe sobre o Programa Mais Educação. Decreto nº 7083**, 27 de janeiro de 2010.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm. Último acesso: 09/09/2016
- DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. São Paulo. Scipione, 1994.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A Montanha e o Videogame: Escritos Sobre Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo e FUSARI, Maria F.de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte: Fundamentos e Proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FREITAS, Verlaine. **Adorno & A Arte Contemporânea**. 2. ed. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MICHALISZYN, Mario Sergio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. 4ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso - Princípios e procedimentos**. SP, Pontes, 1999.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

RECIFE. Secretaria de Educação. **Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: ensino fundamental do 1º ao 9º ano / organização: Jacira Maria L'Amour Barreto de Barros, Katia Marcelina de Souza, Élia de Fátima Lopes Maçaira**. – Recife: Secretaria de Educação, 2015.

SELBACH, Simone. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

APÊNDICE

Entrevista com as professoras:

- 1- Qual a sua formação acadêmica?
- 2- Quando você concluiu sua formação?
- 3- No período de estudo acadêmico/magistério você teve contato com algum conteúdo que tratasse do ensino de Artes na educação infantil/ensino fundamental? Se sim, relate um pouco como foi essa vivência.
- 4- Você ministra aulas de Arte para sua turma?
- 5- Quantas vezes por semana?
- 6- O que geralmente é tratado (feito) em suas aulas de Artes? Quais as principais atividades, brincadeiras... Etc.
- 7- Pra você, o que é Arte?
- 8- Qual a importância de se trabalhar conceitos de Arte com os alunos de sua turma?
- 9- Você já leu os parâmetros curriculares nacionais referentes ao ensino de arte? Se sim, você considera fácil trabalhar Arte conforme a visão dos parâmetros?
- 10- Você tem contato com quais tipos de Arte no seu dia-a-dia? Quais são as suas favoritas?
- 11- Você busca trazer para a sala de aula as experiências que tem com as Artes? Se sim, de que forma?
- 12 - Você já teve contato com a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife? Se sim, seu planejamento das aulas de Artes se baseiam nele?
- 13 – O que você acha da Lei 13.278, que coloca como obrigatórios o trabalho com Artes visuais, Dança, Música e Teatro?